



Conteúdos e metodologias de ensino da natação sob a ótica de professores

Thays Nara de Oliveira 1

Rogério Cruz de Oliveira 2

- 1 Graduada em Educação física. Mestre em Ciências da Saúde. Professora da Secretaria de Esportes e Lazer da Prefeitura da Estância Balneária de Praia Grande-SP.

Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-9306-9686>

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1313740933711441>

Email: oliveira.nara@unifesp.br

- 2 Graduado em Educação Física. Mestre e doutor em Educação Física. Professor do Departamento de Ciências do Movimento Humano. Universidade Federal de São Paulo – Campus Baixada Santista. Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8615-0397>

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5847188428462650>

Email: rogerio.cruz@unifesp.br

Submetido em 14 de novembro de 2025

Primeira decisão editorial em 18 de abril de 2026

Segunda decisão editorial em 24 de maio de 2026.

Aceito em 23 de agosto de 2026

Resumo: Objetivo: Compreender os processos de conteúdo e método na iniciação esportiva da natação com crianças e adolescentes sob a ótica de seus professores. **Metodologia:** Participaram do estudo sete professores de natação de um programa de iniciação esportiva de um município da Baixada Santista. Os dados foram produzidos por meio de entrevistas semiestruturadas e a análise se deu por categorias não-apriorísticas. **Resultados e discussão:** Encontrou-se que a ótica dos professores é regida pela

aprendizagem dos quatro estilos como conteúdo e uma metodologia que se ocupa em pensar as fases de desenvolvimento dos alunos, mas com respeito às individualidades. **Conclusão:** Conclui-se que os discursos oscilam entre a ótica tradicional e emancipatória de ensino da natação.

Palavras-chave: Professores de natação; Crianças; Adolescentes; Iniciação esportiva.

Swimming teaching contents and methodologies under teachers' perspective

Abstract: Aim: The aim of this study consists of comprehending the processes of contents and methodologies of swimming sport initiation with children and teenagers from teachers' perspective.

Methodology: Seven swimming teachers from a public sport initiation program from the city of the Baixada Santista were involved in this study. The data were designed by semi-structured interviews, and it analyzed by non-aprioristic categories. **Results and discussion:** The teachers' perspective related to the content were allied with the learning about four swimming styles, and a kind of methodology which deals with the development stages of the learners, including respect for individuals. **Conclusion:** Then, we concluded that the speeches are among the traditional teaching and emancipatory swimming teaching.

Keywords: Swimming Teachers; Children; Teenagers; Sport initiation.

Contenidos y metodologías de enseñanza de la natación desde la perspectiva de los profesores

Resumen: Objetivo: Comprender los procesos de contenido y método de la iniciación deportiva de la natación con niños y adolescentes desde la perspectiva de sus profesores. **Metodología:** Siete profesores de natación de un programa de iniciación deportiva de un municipio de la región de Baixada Santista participaron en el estudio. Los datos se recogieron mediante entrevistas semiestructuradas, y el análisis se realizó utilizando categorías no apriori. **Resultados y Discusión:** La perspectiva de los profesores está guiada por el aprendizaje de los cuatro estilos como contenido y por una metodología que considera las etapas de desarrollo de los alumnos, pero con respeto a las diferencias individuales. **Conclusión:** Se concluye que los discursos oscilan entre las perspectivas tradicionales y emancipadoras sobre la enseñanza de la natación.

Palabras clave: Profesores de natación; Niños; Adolescentes; Iniciación deportiva.

Os autores declaram que não houve conflito de interesse na realização do estudo.

Introdução

A natação é um dos esportes individuais mais praticados em todo o mundo e tornou-se uma das modalidades esportivas mais praticadas no Brasil (BRUM; SANTOS, 2019). Ao observarmos o esporte como fenômeno múltiplo e diversificado, percebe-se que ele é elemento de estudo de multifacetadas áreas da ciência que tem como propósito compreender os modos que o compõem, sejam eles históricos, sociológicos, biológicos ou pedagógicos (RUFINO; DARIDO, 2012).

Em Fiori *et al.* (2019), observou-se uma necessidade imprescindível da criação de propostas metodológicas que tenham como uma de suas finalidades ofertar aos alunos práticas que expandem a interação com a água, buscando o desenvolvimento de habilidades básicas para crianças que estão começando sua experiência aquática. Ribeiro (2022) buscou verificar as metodologias de ensino na natação infantil e apontou que as técnicas de ensino da natação

sofreram várias transformações ao longo do tempo em que muitas técnicas e emétodologias surgiram de acordo com as experiências de cada professor. O estudo de Lotti e Oliveira (2016) é um exemplo de método de ensino criado/adaptado de forma superadora e que, inspirado em Daolio (2002), oferece uma proposta pedagógica para o ensino da natação a partir do modelo pendular, inicialmente proposto para o ensino dos esportes coletivos.

Sobre os professores de natação é comum observar que foram atletas ou praticaram a modalidade na infância e adolescência, como também, outros, apenas, despertaram o interesse na modalidade mais tardiamente, gerando diferentes vivências e experiências para cada um deles (RISTOW *et al.*, 2019). Para o autor, o professor atuante, na maioria das vezes, carrega consigo e aplica ao seu objetivo de ensino na natação, em grande parte, aquilo que vivenciou quando jovem.

Assim, faz-se pertinente olhar para esse processo de ensino a partir da ótica docente, já que existem diversas nuances implicadas dentro da iniciação esportiva na natação, tanto do ponto de vista de sua concepção quanto de sua organização.

Nesse sentido, o objetivo do manuscrito consiste em compreender os processos de conteúdo e método no contexto da iniciação esportiva de natação com crianças e adolescentes sob a ótica de seus professores no contexto público de ensino.

Método de pesquisa

Trata-se de um estudo descritivo, de abordagem qualitativa, a qual, ancorada em Minayo (1994), estará ocupada em captar percepções que não podem ser quantificadas.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de São Paulo sob parecer nº 0312/2022, bem como foi aprovada pela Secretaria de Esportes e Lazer de um município da Baixada Santista. Todos os voluntários assinaram um Registro de Consentimento Livre e Esclarecido.

Participaram da pesquisa sete professores de natação que atuam na rede pública do município, o que representou 100% dos profissionais desse contexto. Os participantes foram recrutados de forma presencial no próprio local de trabalho e com consentimento e autorização da chefia imediata. O contexto investigado corresponde a um programa público esportivo vinculado à rede municipal de ensino e, no recorte deste estudo, desenvolvido pela Secretaria de Esportes e Lazer, com a oferta de iniciação esportiva e treinamento da modalidade de natação.

Os dados foram produzidos a partir de entrevistas semiestruturadas a partir de um roteiro compostos de dados (sexo, idade, experiência profissional e experiência como professor/a de

natação do município) e as questões específicas¹ sobre conteúdo e método de ensino (divisão das turmas). As entrevistas tiveram duração média de 20 minutos e foram realizadas entre o 2º semestre de 2022 e o primeiro semestre de 2023. Todas as entrevistas foram gravadas e seu conteúdo foi transcrito para um arquivo eletrônico para análise.

Os dados foram analisados por meio de análise de conteúdo das respostas dos participantes, obedecendo à categorização não apriorística. Estas foram elaboradas por “[...] frequenciamento [sic] ou quasi-quantitativa (repetição de conteúdos comuns à maioria dos respondentes) ou por relevância implícita (tema importante que não se repete no relato de outros respondentes, mas que guarda em si, riqueza e relevância para o estudo)” (CAMPOS, 2004, p.614). A análise incluiu recorte e seleção de falas e, por fim, a sua categorização. Para Campos (2004), é nessa fase que se exprime os significados e “[...] elaborações importantes que atendem aos objetivos do estudo” (p.614), podendo assim, instituir não só uma visão, mas, também, um conhecimento contemporâneo em torno dos temas propostos. Para preservação do anonimato, todos os voluntários foram identificados por pseudônimos.

Resultados

O perfil dos professores (Quadro 1) mostra que o grupo é formado por dois homens e cinco mulheres, com idade entre 32 e 48 anos. Todos os entrevistados possuem licenciatura e bacharelado em Educação Física e outra formação acadêmica complementar.

Quadro 1 - Perfil dos professores

PSD	SEXO	IDADE	FORMAÇÃO	EP	EM
ANA	Feminino	35	Pós-graduada	Musculação e natação	Natação 6 anos
RUTH	Feminino	47	Pós-graduada	Não se aplica	Natação 10 anos
DORI	Feminino	44	Pós-graduada	Educação física escolar e hidroginástica	Natação 7 anos
ROSE	Feminino	33	Pós-graduada	Natação e hidroginástica	Natação 12 anos
ENZO	Masculino	36	Pós-graduado	Personal e clube esportivo	Natação 8 anos

¹ Trata-se de um recorte dos principais dados de uma Dissertação de Mestrado defendida em 2024. O roteiro completo da entrevista incluía, ainda, questões sobre: plano de aula, objetivo, conteúdo, método de ensino – embasamento teórico, faixa-etária e adaptações, avaliação, autoavaliação, participação dos alunos nas aulas, expectativa de aprendizagem e considerações sobre o ensino da natação. Entretanto, devido aos limites impostos para um texto como esse, não foi possível contemplar maiores recortes.

MARIA	Feminino	32	Mestre	Assessoria e academia	Natação e Atletismo para PCD 7 anos
RENAN	Masculino	48	Outra Graduação	Outras áreas	Natação 15 Anos

Fonte: Dados da pesquisa.

PSD: Pseudônimo; EP: Experiência profissional pregressa; EM: Experiência no município.

PCD: pessoas com deficiência.

Em termos de natureza de trabalho, Ana, Ruth, Dori, Rose e Enzo formam uma equipe que atua, unicamente, com a introdução e iniciação esportiva, trabalhando nos mesmos dias, horários e espaço. Renan e Maria atuam com a iniciação esportiva e com a equipe de competição, sendo Maria uma professora designada unicamente para a atuação com PCD.

Com exceção de Ruth, todos os professores tiveram outras experiências profissionais e esportivas antes de ingressar no município. Vale ressaltar que Renan e Enzo possuem experiência esportiva na modalidade, tendo sido atletas de natação competitiva.

Quando perguntados sobre os conteúdos de ensino, obtivemos as seguintes respostas (Quadro 2).

Quadro 2: Conteúdo de ensino

Voluntário	Respostas
Rose	<i>Fora a adaptação ao meio líquido, nos níveis um pouco mais avançados [...] a gente procura dar um treininho. É aprender a usar relógio, que é uma coisa que a gente não usa ainda. Não é necessário, porque eles ainda estão aprendendo. Mas, assim, aprender diferentes respirações [...], variação de respiração, aprender as viradas e tempo [...] aprender o que é um forte, o que é um fraco.</i>
Dori	<i>Eu vou montando por semana a minha aula. Eu vou anotando [...] naquela semana [...] eu quero objetivo. Eu coloquei educativo de crawl, por exemplo. Fluiu bem a turma? Eu consegui? Eu já sento e já marco o que eu vou trabalhar com eles na aula na semana seguinte [...] na iniciação, [em] algumas aulas, a gente, professora, fica mais livre para entrar ou não na água, porque, em teoria, a criança já tem esse domínio [...] é desenvolvido a adaptação ao meio líquido. Não tem nenhum receio, ele é autônomo [o aluno] [...] Então a gente já começa um trabalho mais técnico [...] a gente já começa mais um treininho. A gente já começa a querer trabalhar o descanso, tempo de nado, intervalo, a gente já vai começando a colocar para que a criança tenha esse desenvolvimento, porque ela, em teoria, já tem todos os estilos. A gente já coloca o medley [e] o revezamento [...].</i>
Ruth	<i>Eu mesclo bastante, dependendo da turma. Tem turma que precisa de brincadeira para se desenvolver. Os pequenos, por exemplo, às vezes, eles se desenvolvem mais [se dermos] mais brincadeiras do que as técnicas. Mas tem turma que se você implantar uma aula toda técnica, eles vão bem e evoluem melhor [...].</i>

Ana	<i>Dentro de cada metodologia do profissional particular que vão ser desenvolvidas as capacidades motoras aquáticas. Mas o foco principal são os quatro estilos da natação [...].</i>
Enzo	<i>Com certeza são os quatro estilos. Levamos os alunos para festivais de natação [...] com o intuito de incentivá-los. Não tem a mesma cobrança quando chega a competição. De resultado, por tempo, por colocação. É mais para ter prazer pela natação e levar a natação com ele para a vida toda. Pela prática [...].</i>
Maria	<i>[...] é muito individual. [...] tem um menino [...] que ele não entra e não sai da piscina sozinho [...] Ele não tem problema físico. Ele é autista severo e não molha o rosto. [Nesse caso] você tem um objetivo que é totalmente diferente do outro menino, que também fica no mesmo horário dele, só que ele já nada sem auxílio. Então é cada um. Numa aula tem desde algumas capacidades motoras, coisas bem básicas, à parte técnica e vivências mais complexas.</i>
Renan	<i>Na parte específica tem a parte mais técnica e das necessidades da competição e, geralmente, no meu trabalho, a parte aeróbica, ela predomina. A parte específica [...] entra mais com ela. Ela está presente, mas não é o carro-chefe, não é o que conduz o trabalho.</i>

Fonte: dados da pesquisa.

No que se refere ao método de ensino, especificamente quanto à divisão das turmas e dinâmica das aulas, obtivemos as seguintes respostas com os professores (Quadro 3).

Quadro 3: Divisão de turmas e dinâmica das aulas

Voluntário	Respostas
Rose	<i>A gente divide por níveis [...] Geralmente, adaptação, iniciação e aperfeiçoamento. Mas, às vezes, ocorre [que] mesmo dentro daquele nível, dos objetivos daquele nível, algumas crianças [destoam]. É que nem na adaptação: umas tem medo, outras já são mais soltinhas. Então, assim, às vezes, você tem que dar duas aulas diferentes, dentro do mesmo nível, mas a gente procura dividir por nível até para o andamento da aula ser melhor e aplicar o mesmo conteúdo e que ela cumpra naquele conteúdo. Ela possa trocar de nível através das avaliações.</i>
Dori	<i>Um professor fica com adaptação. Então todos os alunos ali vão estar sendo trabalhados e desenvolvidos [na] adaptação ao meio líquido. Aí, o outro professor ao lado, em outra raia, [...] está com outro grupo de alunos numa turma de iniciação. Então, numa mesma aula, tem diferentes níveis, mas dividido entre os professores. Um mesmo professor não vai estar com crianças com desenvolvimentos diferentes. No nível de adaptação, em teoria, o professor está na água com o aluno, porque a gente entende que pode entrar uma criança com muito medo ou que não alcance o pé [...] Em teoria, na adaptação, para a gente estar na água com o aluno [...] eu vou trabalhar a respiração. Vou dar exercício. Vou dar brincadeira. Vou utilizar material que fica um pouco mais lúdico, dependendo da faixa etária, porque a gente tem adaptação de crianças de sete a nove [anos], a adaptação de crianças de 10 a 12 [anos], adaptação de crianças de 13 a 14 [anos] Eles são divididos, então também por faixa etária.</i>

Ruth	<i>Aqui, a gente divide as crianças por nível [...] Por exemplo, vou pegar a adaptação. Tem aquela criança que ainda é do nível adaptação, mas que é uma criança que está um pouquinho mais esperta E tem a mesma criança, na mesma turma de adaptação, mas que tem medo e tem bastante dificuldade motora e estão na mesma turma. Aí a gente tem que ir lidando [com] cada um. Individual, está junto, mas está individual. Você vai dando exercício de acordo com o desenvolvimento de cada uma. Na adaptação, geralmente, a gente entra na água, porque são aquelas crianças que tem mais dificuldade, medo, insegurança. Então, geralmente a gente entra na água com eles para ensinar sobrevivência, deslocamento, ensinar o primeiro “be a ba” da natação [...] Conforme ela vai se desenvolvendo, ela vai pra iniciação, onde a gente aumenta o foco para que ela aprenda o crawl, o costas, mergulhar bem, um saltinho da borda, uma virada. Aí ela vai para o intermediário, onde a gente já coloca o borboleta. Dominando os três nados, ela vai para o avançado, onde ela aprende o peito. E no avançado, quando ela sabe os quatro nados, ela já começa a fazer um treinho mais puxado, mais focado. Na questão do treino, eu não costumo nadar, eu fico do lado de fora e eu não passo o treino na lousa. Eu vou falando, demonstrando, às vezes, eu pego um aluno motoramente mais desenvolvido e peço para ele mostrar. Sempre tem um na turma [...] aí, a gente o pega e demonstra. Ele faz e [...] a criança consegue, porque tem criança que tem que ver, tem criança que tem que fazer e tem criança que só escutando já consegue aprender. Aí eu vou sempre mesclando.</i>
Ana	<i>Aqui, no mesmo horário, como tem funcionado até esse ano, cada professor está com um nível diferente. Os professores das primeiras raias estão com adaptação. Aquela criança que chegou sem experiência nenhuma a gente começa adaptar ele ao meio líquido. Ele começou aprender o crawl e um pouco o costas, já passa para o nível de iniciação, conforme vai se desenvolvendo. Aí vai para o nível intermediário, até chegar no avançado, onde é trabalhado os quatro nados [...].</i>
Enzo	<i>[...] nós utilizamos por faixa etária e, dentro da aula, dividimos por níveis, onde cada raia fica com o nível pré-estabelecido [...] [Se] o aluno vai evoluindo, ele vai passando de raia. E quando o aluno entrou na adaptação, nós entendemos que é um instinto de sobrevivência. Ele tem que saber ficar confortável dentro da piscina. Vai evoluindo, passou para a iniciação, você começa a colocar um pouquinho mais de dificuldade, aumenta um pouquinho a distância. Como nós somos iniciação esportiva, eu puxo muito para o lado técnico e psicológico, para estar motivando, seja ele em qual idade for. A adaptação exige mais o professor dentro da água, aí ele vai ficando independente, passo a dar aula de fora da água, porque vejo na iniciação, pelo fato de ser melhor para você corrigir o aluno, fica mais fácil você visualizar os erros na braçada e pernada. E no aperfeiçoamento também fico fora da água. Então, a gente entra também. [Na] adaptação entra em quase todas as aulas, porém, nas demais, também, entramos dentro da piscina, que eu vejo como importante. [...] Às vezes, tem uma mais fácil compreensão, tem outro ângulo, né? Tem movimentos que ele se sente mais seguro. Por exemplo, [se] você vai ensinar uma virada olímpica, muitos tem medo de fazer a cambalhota dentro da água e ele vai sentir</i>

	<i>mais a segurança. Você demonstra. Mas só de você está próximo a ele, ele acaba fazendo o movimento com mais confiança e normalmente saem [com] melhor êxito.</i>
Maria	<i>[...] a gente está com muitos autistas. Deficientes físicos só temos um, que está afastado [...] Então, só tenho, praticamente, intelectual e autista. Na competição tem [...] todas as deficiências. No treino da competição, eu organizo como? [...] cada um faz uma coisa. Um [...] é amputado, aí eu tenho que separar o treino [...] mas, ao mesmo tempo, o que eles fazem a gente coloca junto para fazer. Fora essas individualidades [...].</i>
Renan	<i>[...]A gente baliza pela idade, porque é uma cultura nossa, do nosso país, de categoria, o ano de nascimento dele é X categoria [...]. Aí tem outra coisa que a gente tem, que é cultural ou predisposição. Quando a criança [...] vai adquirindo habilidade, indiferente da maturação dela, a maturação em relação a fazer mais força, a receber mais carga de treino, volume etc. Mesmo balizando por idade, a gente faz uma progressão por idade, o ano de nascimento, mas tem, conforme ela vai adquirindo mais recurso técnico. [exemplo] vai a criança de 10 anos: ela consegue fazer os 50 m igual à criança de 11 anos, a gente deixa uma forma natural, porque ela ganhou recrutamento, ela ganhou gesto, ela tem mais fluidez, mais facilidade, então ela acaba treinando mais, entre aspas, por conta da facilidade do gesto que ela veio adquirindo. Tem outras que são mais tardias, demoram nesse processo todo, né?</i>

Fonte: dados da pesquisa.

Discussão

Um dos modelos mais referenciados sobre os ciclos de vida profissional de docentes é o elaborado por Huberman (2000), o qual considera os anos de docência dos professores e apresenta algumas características próprias de cada fase, a saber: fase de entrada na carreira (1 a 3 anos de docência); fase de estabilização (4 a 6 anos); de diversificação (7 a 25 anos); de serenidade (25 a 35 anos), e; fase de desinvestimento (mais de 35 anos de docência).

Nessa perspectiva, pode-se afirmar que todos os professores do nosso estudo estão na fase de diversificação. Embora Ana estivesse no seu sexto ano como professora, vamos considerá-la na mesma fase dos demais, já que seis anos é o limite superior da fase anterior. Segundo Huberman (2000), é uma fase em que o professor se encontra mais consolidado pedagogicamente, tendo arsenal e conhecimento suficiente para possíveis diversificações no material didático, nos modos de avaliação, maneira de trabalho com os alunos, buscando formas cada vez mais eficiente e adequada para aplicá-las no ensino. Os professores, nessa fase, seriam os mais motivados e mais dinâmicos, dispostos a investir seu potencial em seu desenvolvimento profissional (HUBERMAN, 2000). A partir dessa perspectiva, compreende-se que o grupo investigado expôs um discurso muito embasado em suas vivências. Embora seja possível perceber que as questões direcionadas (conteúdo e método) nem sempre foram respondidas na mesma pergunta, compreende-se que o

conjunto de respostas nos permitiu clarezas sobre o fenômeno investigado.

No que se refere ao conteúdo ministrado, pode-se interpretar a resposta dos professores em três categorias de análise, a saber:

1. Técnicas de nado: Rose, Dori, Ruth, Maria e Renan;
2. Quatro estilos da natação: Ana e Enzo;
3. Adaptação ao meio líquido: Rose e Maria.

Frente ao exposto, foi possível identificar a relevância que as habilidades técnicas têm para os professores. Construir um modelo ideal das habilidades a serem ensinadas tende a ser um estilo culturalmente presente ao se tratar da natação, podendo esse fator estar atrelado à questão da segurança em meio líquido e, sendo o ambiente aquático um ambiente cedido a riscos, os profissionais relacionam o ensino das técnicas como meio de autonomia e sobrevivência em meio líquido, não visualizando o conteúdo técnico como monótono e limitante.

Os professores demonstram domínio dos conteúdos presentes em seu ensino, porém conhecer bem os conteúdos a serem desenvolvidos é apenas uma condição necessária e não uma condição suficiente do ensino. Para Libâneo (2013), os conteúdos de ensino englobam conceitos, ideias, regras, leis, valores, convicção, entre outras, formando um conjunto de habilidades, conhecimentos e hábitos organizados pedagógica e didaticamente, projetando a aplicação e assimilação dos alunos.

Assim, pudemos inferir que as técnicas de nado dos quatro estilos (*crawl*, costas, peito e borboleta) são os principais conteúdos de suas aulas. Consequentemente, isso não torna o ensino menos significativo, tão pouco enfadonho e maçante, dado que os quatro nados possuem uma infinidade de características que, quando acoplados aos demais componentes contidos na natação (saídas, deslocamentos subaquáticos e viradas), torna a prática rica em experiências. Dessa forma, com o acoplamento entre os desafios de habilidades específicas de natação, desponta o potencial, não só para manter como também aumentar o engajamento dos alunos.

Os conteúdos, seguindo o raciocínio de Ordonhes (2020) devem ser planejados, considerando as necessidades e características do grupo e conexos aos objetivos, compondo um conjunto de conhecimentos a serem trabalhados durante as aulas. Conceito pertinente e expressivo ao grupo de entrevistados, o qual, apesar da evidência do trabalho voltado à questão técnica, esta não se sobrepõe ao respeito pelo desenvolvimento individual e necessidades pontuais dos alunos. Acreditamos que, com essa perspectiva, tende-se a criar mais possibilidades de aprendizado, já que se cria uma interação entre o que esse aluno/atleta já sabe

e o novo, ampliando sua bagagem e construindo uma melhor capacidade da sua prática esportiva.

Em relação às capacidades motoras, mencionadas por Ana, Maria e Renan, deparamo-nos com Tenroller e Merino (2014), indicando que estes são conteúdos relevantes e devem fazer parte da rotina de ensino dos esportes.

Observou-se ainda a adaptação ao meio líquido como uma das peças-chave contidas nas aulas dos professores para o ensino da modalidade. Maria destaca que seus objetivos, de um ponto macro, são mais gerais de acordo com calendários e competições. No dia a dia das aulas eles são bem individuais, dado que ela atua como técnica de competição da equipe para PCD e da escolinha para o público PCD, na qual cada aluno possui uma especificidade muito particular a ser trabalhada. Nessa perspectiva, inferimos que a adaptação ao meio líquido é um importante conteúdo de segurança e autonomia do aluno para, posteriormente, dedicarem-se às técnicas dos estilos formais propriamente ditos.

Dessa forma, infere-se que, no contexto investigado, os professores se preocupam com que o aluno se adapte ao meio líquido, posteriormente com seu deslocamento e, por fim, com a sua respiração, estabelecendo assim uma boa relação com o espaço aquático e, por conseguinte, depois de concluído as etapas citadas, avançam para as técnicas de nado, que aí incluem: técnicas de virada, provas compostas (medley), tempo, distância, descanso etc.

Nessa ótica, podemos interpretar que o conteúdo de ensino na ótica desses professores contribui para que a resolução dos problemas relacionados ao nadar, ou como denominam Catteu e Garoff (1990), resolver a “Trama dinâmica da Natação”, composta pelo: equilíbrio, a respiração e a propulsão.

No que se refere à divisão das turmas, foram notadas três categorias de análise, a saber:

1. Níveis de aprendizagem: Rose, Dori, Ruth, Ana, Enzo e Renan;
2. Faixa etária: Dori, Enzo e Renan;
3. Níveis de habilidade: Maria e Renan.

Em relação à dinâmica das aulas, as respostas nos permitiram compor outras três categorias de análise, quais são:

1. Explicações e devolutivas/correções: todos;
2. Brincadeiras: Dori e Ruth;
3. Demonstração e entrar na água: Ruth e Enzo.

Diante dos dados, é possível afirmar que a fundamentação dos métodos é voltada à autonomia e vivência/experiência do nado na piscina. Para isso, os professores que atuam com

a iniciação adotaram a divisão dos alunos por nível de aprendizagem, que são: adaptação, iniciação e aperfeiçoamento, como nos aponta Rose. Com relação à adaptação, essa é a primeira turma em que o aluno iniciante integra o programa, tido como a base para o ensino e evolução do praticante, pois, ali, ele é estimulado a perder o medo e sentir-se mais “solto e à vontade”. A adaptação ao meio líquido propicia a familiaridade do aluno com os possíveis desafios psicomotores de controle do corpo para a movimentação no meio aquático e começa a receber estímulos dos nados *crawl* e costas, como descrevem os entrevistados.

Na turma seguinte, denominada por eles iniciação, espera-se que esse aluno já esteja mais autônomo, deslocando-se com confiança para, assim, ser aprimorado, com mais riqueza em detalhes, os nados de *crawl*, costas e estímulos dos nados apresentados como mais desafiadores, que são o nado de peito e o nado de borboleta, bem como saídas (saltos da borda e do bloco) e viradas. E, finalmente, no nível de aperfeiçoamento, essas técnicas serão aprimoradas e colocadas à prova, por meio de aulas mais complexas, incluindo as variáveis de tempo, velocidade e metragens.

Em relação à divisão das turmas por níveis de aprendizagem e faixa etária, pode-se afirmar que se trata de uma maneira comumente utilizada para o ensino da natação e assemelha-se ao que, usualmente, é utilizado por locais de ensino signatários da Metodologia Gustavo Borges (MGB), referência adotada pelo município desse estudo.

Fundamentalmente, a Metodologia Gustavo Borges (MGB) consiste na relação entre as idades, nível pedagógico de técnicas e procedimentos e desenvolvimento motor no meio aquático, por meio da estimulação e experiências perceptivo motoras (BORGES; LIMA, 2008, p.8).

Através de atividades adaptadas às diferentes faixas etárias e estruturadas em níveis de aprendizado, permite um progresso ordenado e claro dos alunos. A MGB visa para além das habilidades técnicas, pensando no desenvolvimento de valores humanos, como trabalho em equipe, respeito e disciplina. Os professores que utilizam a MGB têm acesso a treinamentos constantes, materiais didáticos atualizados e suporte contínuo, assegurando que eles estejam sempre bem-preparados e informados sobre as melhores práticas (BORGES; LIMA, 2008). Para Bibbó e Silva (2016), a MGB flerta com diversos métodos, inclusive com os tradicionais de ensino.

Segundo Esteves (2018), já nos primeiros contatos com o meio líquido, o medo e a insegurança podem causar situações inconvenientes ou desconfortáveis, já que qualquer ação pode despertar o medo do afogamento, seja por trauma ou por não ter desenvolvido habilidades aquáticas suficientes. Para sanar tal questão, os professores afirmam que trazem, como dinâmica de aulas, a premissa de estar a serviço das especificidades da turma e dos alunos, seja por um meio

mais lúdico, como aborda Ruth e Dori, ou, como relatam Ruth e Enzo, pela valorização da segurança e confiança que o aluno, na maioria das vezes, sente ao ter o professor próximo a ele, dentro da água. Sobre o lúdico, Souza, Muotri e Ferronato (2020) afirmam que professores com aulas mais lúdicas alcançam maiores índices de frequência. Isso confirma o que Moisés (2006) já apontava: uma das razões pelas quais as pessoas evadem das aulas de natação é a metodologia enfadonha baseada na repetição de exercícios. Embora o nosso estudo não tenha investigado esse aspecto, faz-se relevante pontuar que as brincadeiras devem possuir espaço central na aprendizagem da natação, ressaltado por Dori e Ruth.

Já os professores que atuam com a área competitiva citam dinâmicas que não necessariamente envolvem a separação por faixa etária. Para ambos, Maria e Renan, o nível de habilidade e facilidade nas tarefas do nadar é mais relevante e eficaz para as aulas do que simplesmente a idade cronológica da criança. No caso de Maria, a especificidade da deficiência também é um fator a ser considerado.

Todos os professores citaram como pontos relevantes as adequações pontuais referentes à individualidade, a exemplo da fala de Ana. O que nos remete ao estudo de Freudenheim, Gama e Carracedo (2003), o qual contém questões norteadoras para a elaboração de fundamentos para o ensino do nadar. Os autores tratam de discorrer sobre o ensino a ser focado na criança, respondendo-nos que, quando isso ocorre, tem-se a estima de elaborar os objetivos, conteúdos e estratégias respeitando sua evolução e individualidade assim como no ambiente pesquisado.

Além disso, é relevante compreender que todos fazem usufruto da explicação e/ou das atividades. Embora essa não tenha sido uma fala explícita dos professores, todos eles tangenciam essa metodologia. Ristow *et al.* (2022) investigaram os métodos de ensino utilizados por professores de natação infantil. Embasados em Sarmiento (2004), os autores afirmam que a explicação (uso de formas verbais para apresentar tarefas de aprendizagem) predominou nas atividades observadas, bem como a demonstração (uso de informações visuais para apresentar as tarefas de aprendizagem). Ambas as estratégias reverberam entre os discursos dos professores do nosso estudo, flertando, a exemplo dos achados de Ristow *et al.* (2022), com uma metodologia tecnicista do nadar.

Entretanto, essa é uma ilação que pode não corresponder ao nosso estudo, uma vez que as aulas dos professores não foram observadas. O fato de termos produzido os dados por meio de entrevistas semiestruturadas, adepto a lógica de uma conversa com finalidade, à esteira de Minayo (2014), nos impõe limites interpretativos.

Embora tenha sido possível perceber um olhar privilegiado à aprendizagem dos quatro

estilos, pode-se compreender, ainda, que as ações dos professores aparentam resultar numa aprendizagem ampla da natação, o que, para Fiori *et al.* (2019), é necessário. Para os autores, há necessidade de um olhar mais integrativo para a natação, que avance para além da aquisição de técnicas de quatro nados (*crawl*, costas, peito e borboleta), a saber: atividades lúdicas, nados alternativos (cachorrinho, lateral, marinheiro etc.), habilidades aquáticas gerais, conteúdos de outros esportes aquáticos (que exigem nadar de outras formas) e deslocamentos variados. Nessa ótica, o nadar ganha um sentido mais amplo, voltado mais às destrezas e habilidades necessárias ao meio aquático, indo ao encontro, mesmo que parcialmente, das possibilidades citadas pelos professores do nosso estudo.

Tal perspectiva pode ser corroborada pelas devolutivas que os professores afirmaram fazer com seus alunos, seja em forma de correção ou informação adicional para que o nado pudesse melhorar. Ristow *et al.* (2022) chamou essa devolutiva de *feedback* e afirmou que os professores fizeram pouco uso dessa estratégia, o que reforçou seu argumento de que se tratava de uma metodologia tecnicista de ensinar a natação, o que não encontrou eco com os discursos aqui apresentados.

Fazendo um paralelo com a perspectiva crítico-emancipatória de ensino dos esportes de Kunz (2016), a qual é desenvolvida pelas categorias trabalho, interação e linguagem a partir das competências objetiva, social e comunicativa, compreende-se que o discurso dos professores aqui analisados, tendem a valorizar o conteúdo clássico, mas não deixam de lado a interação e a linguagem, mesmo que à margem de suas reflexões.

Considerações finais

Compreende-se que a ótica de professores inseridos num contexto público de ensino de natação num município da Baixada Santista sobre os processos de conteúdo e método é regida, respectivamente: pela aprendizagem dos quatro estilos (*crawl*, costas, peito e borboleta), e; uma metodologia que se ocupa em pensar as fases de desenvolvimento dos alunos (faixa etária e níveis de habilidade), mas com respeito às individualidades.

Entretanto, a preocupação com a segurança, autonomia, confiança e independência dos alunos no meio aquático também foi um fator relevante percebido nos discursos, o que nos leva a entender que os professores também pensam para além do desempenho, fazendo com que o ensino possa ser significativo para quem aprende. Foi possível notar ainda uma busca pelo explicar, dar devolutivas, explorar brincadeiras, entrar na água e demonstrar estratégias para potencializar a aprendizagem.

Em síntese, o discurso sobre a prática pedagógica sobre conteúdo e método não reside

apenas no ensino técnico dos quatro estilos, mas, sobretudo, na maneira como os docentes organizam o processo de ensino-aprendizagem a partir das necessidades concretas dos alunos. Os professores demonstraram preocupação em produzir condições para que os sujeitos desenvolvessem autonomia na relação com a água e com o próprio processo de aprendizagem, favorecendo sua participação ativa e significativa nas aulas de natação.

Assim, percebe-se um discurso que oscila entre a produção e reprodução, entre o tradicional e o emancipatório e entre o saber fazer e o saber sobre o saber fazer, em alusão à Bracht (2005), quando se pronunciou sobre a natureza da Educação Física escolar que, guardada as devidas proporções, pode ser utilizada no limite interpretativo desse estudo.

Referências bibliográficas

- BIBBÓ, Caroline Bertarelli; SILVA, Siomara Aparecida. Um mergulho na metodologia de ensino do esporte. **Pensar a Prática**, Goiânia, v.19, n.1, p.103-117, jan./mar., 2016.
- BORGES, Gustavo França; LIMA, William Urizzi. **Manual formativo: aplicações de metodologia**. São Paulo: BPR, 2008.
- BRUM, Fábio; SANTOS, Diego da Costa dos. Clima motivacional na natação esportiva: uma revisão narrativa. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, Taguatinga, v.9, n. 3, p.271-285, dez., 2019.
- BRACHT, Valter. **Educação Física e aprendizagem social**. 2.ed. Porto Alegre: Magister, 2005.
- CAMPOS, Claudinei José Gomes. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v.5, n57, p.611-614, set./out., 2004.
- CATTEAU, Raymond; GAROFF, Gerard. **O ensino da natação**. 3 ed. São Paulo: Manole, 1990.
- DAOLIO, Jocimar. Jogos esportivos coletivos: dos princípios operacionais aos gestos técnicos - modelo pendular a partir das idéias de Claude Bayer. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**, Taguatinga, v.10, n.4, p. 99-103, out., 2002.
- ESTEVES, Carla Marina. **Adaptação ao meio aquático: determinar o grau de aquisição das competências de adaptação ao meio aquático de crianças na educação pré-escolar, em contextos de ensino com diferentes profundidades da piscina**. 2018. Dissertação (Mestrado) - Escola Superior de Educação, Portugal, Coimbra, 2018.
- FIORI, Júlia Melo *et al.* Pedagogia da natação: análise das atividades realizadas em aulas para crianças. **Pensar a Prática**, Goiânia, v.22, s/n, p.1-13, ago., 2019.

- FREUDENHEIM, Andrea Michele; GAMA, Regina Ismênia Rezende de Brito; CARRACEDO, Valquíria Aparecida. Fundamentos para a elaboração de programas de ensino do nadar para crianças. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, Barueri, v.2, n.2, p.61-69, jan./dez., 2003.
- HUBERMAN, Michael. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, António (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2000.
- KUNZ, Elenor. **Transformação didático pedagógica do esporte**. 8.ed. Ijuí: Unijuí, 2016.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2013.
- LOTTI, Alessandro Demel; OLIVEIRA, Rogério Cruz de. Proposta pedagógica para o ensino da natação a partir do modelo pendular. **Pensar a Prática**, Goiânia, v.19, n.3, p. 665-676, jul./set., 2016.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14.ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- MOISÉS, Márcia Perides. Ensino da natação: expectativas dos pais de alunos. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 5, n. 2, p. 65-74, maio/ago., 2006.
- ORDONHES, Mayara Torres. **Aspectos pedagógicos aplicados ao esporte em diferentes faixas etárias**. Curitiba: Editora Contentus, 2020.
- RIBEIRO, Rafaella Pollyanna Soares de Santana. **Metodologia de ensino para natação infantil**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2022.
- RISTOW, Leonardo *et al.* Métodos de ensino utilizados por professores de natação infantil. **Conexões**, Campinas, v.20, s/n, p.e022001, mar., 2022.
- RISTOW, Leonardo *et al.* Saberes do professor de natação infantil: aprimorando o conhecimento teórico pedagógico. **Lecturas Educación Física y Deporte**, Buenos Aires, v.24, n.257, p.103-116, out., 2019.
- RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto; DARIDO, Suraya Cristina. Pedagogia do esporte e das lutas: em busca de aproximações. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.26, n.2, p.283-300, abr./jun., 2012.
- SARMENTO, Pedro. **Pedagogia do desporto e observação**. Lisboa: FMH, 2004.
- SOUZA, Marlei Fernandes; MUOTRI, Ricardo William; FERRONATO, Priscilla Augusta Monteiro. A importância do lúdico no ensino-aprendizagem da natação para crianças de 3 a 6 anos

de idade: uma análise do ponto de vista de profissionais da natação. **Journal of Health Sciences Institute**, v.38, n.4, p.289-294, out./dez., 2020.

TENROLLER, Carlos Alberto; MERINO, Eduardo. **Métodos e planos para o ensino dos esportes**. 2.ed. Canoas: ULBRA, 2014.